

“existe algo que nós não sabemos”

Poesia dissociativa em Heiner Müller e José Mário Branco¹

Miguel Ramalhete Gomes

Universidade do Porto

Resumo: Este ensaio visa comparar o texto da canção “FMP” (editada em 1982), de José Mário Branco, e os poemas escritos por Heiner Müller a partir de 1989, neles procurando formas dissociativas de relacionamento com uma realidade social em acelerada mudança. Nestes textos, as alterações económicas, políticas e sociais parecem provocar uma neurose coletiva que alterna entre uma aceitação exaltada e uma negação enfática de certas realidades. Os fragmentos de vozes que aí encontramos acabam, assim, por relacionar-se violentamente com um mundo exterior cuja complexidade parece exceder a capacidade de compreensão do sujeito.

Palavras-chave: José Mário Branco, Heiner Müller, poesia, canção, neurose política

Abstract: This essay attempts to compare the text of the song “FMP”, released in 1982, by José Mário Branco, and the poems written by Heiner Müller during the 1990s, in order to look for dissociative forms of relating to social realities which were, in both cases, rapidly changing. In these texts, economic, political and social changes seem to provoke a collective neurosis which alternates between an frantic acceptance and an emphatic denial of specific realities. The fragmented voices which we find in these texts therefore end up relating violently to an outside world whose complexity appears to exceed the subject’s capacity for comprehension.

Keywords: José Mário Branco, Heiner Müller, poetry, song, political neurosis

Existe algo que nós não sabemos entre Heiner Müller e José Mário Branco. A comparação entre estes dois nomes é talvez improvável. Müller viveu em duas ditaduras e morreu numa Alemanha democrática. Terá começado como apoiante sincero da República Democrática Alemã, passou depois a autor censurado e acossado, mais tarde ainda revelou-se como voz crítica de um regime que tacitamente o promovia e acabou como clássico contemporâneo numa Alemanha democrática onde foi acusado de ter colaborado com a polícia política da RDA. José Mário Branco, por seu lado, foi também perseguido por uma polícia política, mas, exilado em França, começou a destacar-se enquanto figura relevante da música de intervenção portuguesa sobretudo a partir da década de 1970. Convém insistir nas diferenças: os regimes ditatoriais que criticaram eram consideravelmente distintos e a sua posição em relação a estes regimes não podia ser mais diversa, embora possamos começar a entrever pontos de aproximação na relação destes dois autores com os regimes instaurados após 1974 e após 1990. À semelhança de muitos opositores ao regime anterior a 1974, José Mário Branco emigrou; Müller nunca saiu definitivamente da RDA; para José Mário Branco, a revolução de Abril não podia ser senão um acontecimento positivo e há muito desejado, embora a consolidação democrática, para usar uma expressão da época, tenha trazido consigo a desilusão e uma sensação de solidão; para Müller, a queda do muro de Berlin em 1989 é inicialmente recebida com interesse e algum entusiasmo, mas depressa o ceticismo mülleriano adota como alvo uma reunificação entendida como uma anexação e o retorno a um capitalismo que se julgara ultrapassado em metade do solo alemão.

Mas há um ponto em que os textos dos dois autores por um momento se encontram. Em 1982, José Mário Branco edita “FMI”, uma crítica cortante de uma jovem democracia parlamentar nas mãos da “ajuda externa”; entre 1990 e 1995, Müller escreve algumas dezenas de poemas, entre os quais se contam várias tentativas de lidar com o problema de um novo mundo: uma Alemanha reunificada, democrática e capitalista. Em ambos os casos, podemos observar estratégias semelhantes, em que o poema se abre ao mundo, às vozes dos noticiários, da rua, dos transportes públicos, num conjunto de citações que são frequentemente incorporadas pela voz autoral. Em ambos, o sujeito poético é uma entidade ambígua, pouco interessado na escusa fácil de uma autonomia poética e na igualmente fácil divisória entre biografia autoral e voz do sujeito poético. Em “Müller no Hessischen Hof”, lê-se: “Eu sou o drama / MÜLLER VOCÊ NÃO É UM OBJETO POÉTICO / ESCREVA PROSA / A minha vergonha precisa do meu poema” (Müller 1998: 254).² E, em “FMI”, ouvimos por duas vezes o nome:

“Digam lá, e eu? José Mário Branco, 37 anos, isto é que é uma porra, anda aqui um gajo cheio de boas intenções, a pregar aos peixinhos, a arriscar o pelo, e depois? É só porrada e mal viver é?”; e as últimas duas frases da canção: “Sou português, pequeno burguês de origem, filho de professores primários, artista de variedades, compositor popular, aprendiz de feiticeiro, faltam-me dentes. Sou o Zé Mário Branco, 37 anos, do Porto, muito mais vivo que morto, contaí com isto de mim para cantar e para o resto”.³ A esta marcação enfática do nome vem juntar-se, na gravação de “FMI”, a forma como se diz “faltam-me dentes”. Ouvimos aí distintamente o som de uma boca a ser aberta com o dedo de modo a mostrar os dentes em falta. Assiste-se assim à tentativa de inscrever um nome e uma corporalidade, âncoras no meio de uma torrente de vozes. A inscrição do nome e do corpo marcam um tempo e um lugar, recusando a higiene de uma autonomia poética que tenderia a considerar o real como uma contaminação.

Esta instabilidade da voz, como veremos, responde a um mundo onde impera uma forma de neurose coletiva. O conceito de neurose ou esquizofrenia coletiva tem sido objeto de inúmeras formulações ao longo do século XX, e foi associado a uma grande variedade de causas. Sem querer entrar numa leitura detalhada desta ideia, seguem-se três exemplos da autoria respetivamente de Sigmund Freud, Carl Jung e Gilles Deleuze e Félix Guattari:

If the development of civilization so much resembles that of the individual and operates with the same means, is not one entitled to proffer the diagnosis that some civilizations or cultural epochs – possibly the whole of humanity – have become ‘neurotic’ under the influence of cultural strivings? (Freud 2002: 80)

If, for a moment, we look at mankind as one individual, we see that it is like a man carried away by unconscious powers. He is dissociated like a neurotic, with the Iron Curtain marking the line of division. (...) Our times have demonstrated what it means when the gates of the psychic underworld are thrown open. Things whose enormity nobody could have imagined in the idyllic innocence of the first decade of our century have happened and have turned the world upside down. Ever since, the world has remained in a state of schizophrenia. (Jung 1990: 124; 134)

Quando se diz que a esquizofrenia é a nossa doença, a doença do nosso tempo, não se quer só dizer que a vida moderna enlouquece. Não se trata de um modo de vida, mas de um processo de produção. (...) De facto, o que queremos dizer é que o capitalismo, no seu processo de produção, produz uma formidável carga esquizofrénica sobre a qual faz incidir todo o peso da sua produção, mas que não deixa de se reproduzir como limite do processo. (Deleuze/Guattari 2004: 38)

Face a um mundo exterior cuja complexidade parece exceder a capacidade de compreensão do sujeito, onde há algo que nós não sabemos, a voz poética fragmenta-se,

parasita várias outras vozes, vozes que dizem o que não se pode dizer, que exprimem os fantasmas reprimidos de uma realidade política e social em acelerada mudança. De facto, na passagem de um regime político para outro, muda também o regime daquilo que se pode e não se pode dizer. É por isso que, frequentemente, Müller pode parecer injusto quando se horroriza com a euforia perante o fim da RDA:

Na linha de metro ZOOLOGISCHER GARTEN FRIEDRICHSTRASSE

Conheci dois cidadãos da RDA

Um conta O meu filho de três semanas

Nasceu com uma placa no peito

A NOVE DE NOVEMBRO ESTAVA NO OCIDENTE

A minha filha da mesma idade Tenho gémeos

Traz a inscrição EU TAMBÉM

THE HORROR THE HORROR THE HORROR (Müller 1998: 234)

De forma diferente, também José Mário Branco curiosamente dá voz àqueles para quem o 25 de Abril foi um desastre:

A culpa é dos partidos pá! Esta merda dos partidos é que divide a malta pá, pois pá, é só paleio pá, o pessoal não quer é trabalhar pá! Razão tem o Jaime Neves pá! (Olha deixaste cair as chaves do carro!) Pois pá! (Que é essa orelha de preto que tens no porta-chaves?) Eh pá, deixa-te disso, não destabilizes pá! Eh, faz favor, mais uma bica e um pastel de nata. Uma porra pá, um autêntico desastre o 25 de Abril, esta confusão pá, a malta estava sossegadinha, a bica a 15 tostões, a gasosa a sete e coroa... Tá bem, essa merda da pide pá, Tarrafais e o carago, mas no fim de contas quem é que não colaborava, ah? Quantos bufos é que não havia nesta merda deste país, ah? Quem é que não se calava, quem é que arriscava coiro e cabelo, assim mesmo, o que se chama arriscar, ah? Meia dúzia de líricos, pá, meia dúzia de líricos que acabavam todos a fugir para o estrangeiro, pá, isto é tudo a mesma carneirada!

Esta citação mais longa é interessante por mostrar bem o método de combinação de discursos em “FMI”: por um lado, ouvimos um tipo de voz que conhecemos bem ainda hoje, mas essa voz trai outras vozes, primeiro por via do diálogo – “Que é essa orelha de preto que tens no porta-chaves?” – e depois pela contraditória referência a uma “Meia dúzia de líricos” que “arriscava coiro e cabelo, assim mesmo, o que se chama arriscar”. Este excerto vem no seguimento de um complicado arranjo de vozes em que podemos facilmente entrever uma possível voz do sujeito poético – quem quer

que este seja – por vezes a satirizar este novo cidadão de um Portugal democrático – “tudo ok, estamos numa porreira meu, um tripe fenomenal, proibido voltar atrás, viva a liberdade, né filho?” – mas, por outras vezes, a emprestar a voz a uma confusão genuína:

Sempre a merda do futuro, e eu que me quilhe, pois pá, sempre a merda do futuro, a merda do futuro, e eu ah? Que é que eu ando aqui a fazer? Digam lá, e eu? José Mário Branco, 37 anos, isto é que é uma porra, anda aqui um gajo cheio de boas intenções, a pregar aos peixinhos, a arriscar o pelo, e depois? É só porrada e mal viver é? O menino é mal criado, o menino é pequeno burguês, o menino pertence a uma classe sem futuro histórico... Eu sou parvo ou quê? Quero ser feliz porra, quero ser feliz agora, que se foda o futuro, que se foda o progresso, mais vale só do que mal acompanhado, vá mandem-me lavar as mãos antes de ir para a mesa, filhos da puta de progressistas do caralho da revolução que vos foda a todos! Deixem-me em paz porra, deixem-me em paz e sossego, não me emprenhem mais pelos ouvidos caralho, não há paciência, não há paciência, deixem-me em paz caralho, saiam daqui, deixem-me sozinho, só um minuto

Neste ponto, começamos a chegar ao clímax da canção e à desagregação completa deste sujeito compósito, mas, antes de considerar essa secção, talvez possamos voltar a Müller que, em “O Bloco de Mommsen”, um longo poema de 1993, tenta descrever a razão para não escrever peças na nova Alemanha democrática. De facto, nas muitas dezenas de entrevistas dadas após a queda do Muro, Müller era sistematicamente confrontado com o facto de não escrever uma peça nova desde 1987. Com o passar dos anos, esta pausa parece ter tomado a forma de um bloqueio de escrita. Em “O Bloco de Mommsen”, Müller adota um discurso arqueológico e encontra um paralelismo na tentativa de explicar por que razão Theodor Mommsen, o grande historiador oitocentista alemão da Roma Antiga, teria também ele parado de escrever a sua monumental história de Roma ao chegar ao dealbar do Império. Müller possuía vários volumes de e sobre Mommsen, mas o motivo decisivo para a escrita do poema terá sido a publicação em 1992 de um volume coligindo transcrições de palestras de Mommsen sobre Roma no tempo dos imperadores. A introdução do volume, escrita por Alexander Demandt, dedica-se a analisar as razões avançadas para Mommsen nunca ter escrito o quarto volume da sua história de Roma, no qual os imperadores apareceriam. Entre estas encontrar-se-iam uma falta de direção histórica que Mommsen julgava encontrar no período da República; um desapego pela cultura decadente e estagnada do período; uma neurose política, por Mommsen alegadamente sentir que a antiguidade

tardia se estaria a repetir no tempo da Alemanha imperial (cf. Demandt 2007: 4-9); e, por fim, uma razão admitida pelo próprio Mommsen numa conferência sobre educação em 1900, em Berlin:

But if the question is put: what was the best period of the age of the emperors as a whole, the ancient Romans themselves answer: the first ten years of Nero's rule. Now, try representing, in a manner possible for a teacher and comprehensible to the children, that the first ten years of Nero's rule were the best period, and one of the most fortunate epochs in human history! Is this possible? (*apud idem*: 6)

Müller, no seu poema, parafraseia o indizível: a admissão de que a população romana talvez tenha sido mais feliz no tempo de um Nero louco e sanguinário do que no tempo da República:

Como é que havemos de fazer entender às pessoas
E para quê que o primeiro decénio do reinado de Nero
O artista falhado o sanguinário (...)
Foi um tempo feliz para o povo de Roma
Talvez o mais feliz da sua longa história
Tinha o seu pão os seus jogos Os massacres
Passavam-se nas filas superiores
E tinham um alto nível de audiência (Müller 2010: 77)

No poema, Müller desenvolve ainda o tema dos “césares vermelhos” (*idem*: 81), ou de Ezra Pound, “Que apostou em falsos Césares” (*idem*: 83), e termina contando como, ao folhear num restaurante um volume com palestras de Mommsen, teria ouvido “Dois heróis dos novos tempos banqueteadando-se na mesa ao lado” (*ibidem*) e discorrendo sobre as oportunidades a agarrar rapidamente nesses novos tempos:

Gritos animalescos Quem havia de querer anotar isto
Com paixão? O ódio não compensa o desprezo dá em nada
Percebi pela primeira vez as suas reservas em escrever
Camarada Professor sobre o período imperial romano
O reconhecimento feliz do consulado de Nero
Sabendo como o texto não escrito é uma ferida
De onde corre o sangue que nenhuma fama póstuma estanca
E a enorme lacuna na sua História

Foi uma dor neste meu corpo que não sei quanto tempo ainda
Respirará (*idem*: 85)

O inaceitável, o indizível, aquilo que Müller, escrevendo, declara recusar-se a escrever, é a felicidade sob a tirania, a aceitação eufórica da exploração capitalista como uma libertação. Se, para nós, numa jornada sobre poesia e delírio, uma conversa de negócios nos parece um acontecimento banal, podemos no entanto notar que, para Müller, isto é já o delírio. O delírio de massas que provoca a náusea de Müller compõe-se de pequenos momentos banais como a capacidade de deixar de ver pedintes nas ruas, atribuída à aprendizagem contínua do ser humano:

Mas o ser humano é
O animal que aprende Eu aprendo Em breve
Deixarei de ver pedintes e miséria
Não há pedintes Não há miséria (Müller 1998: 269)

Ou ainda o taxista romeno em Nova Iorque que anuncia a Müller que Hitler era doido – por não ter conseguido matar todos os judeus (cf. *idem*: 273). O quadro final deste horror quotidiano exprime-se, curiosamente, num erro de impressão digno de figurar na *Psicopatologia da vida quotidiana* de Freud:

ERRO DE IMPRESSÃO
(a partir de Goethe)

MISPRINT

Temem os deuses
A raça humana (*idem*: 303, meu sublinhado)

O horror de Müller perante esta raça que até os deuses temem passa pela notável capacidade humana para reprimir e recusar compreender uma situação complexa como a do capitalismo tardio. Em Müller, como em José Mário Branco, aquilo que escutamos reiteradamente são desvios e negações – a culpa é do outro mais ou menos identificável, este ou aquele político ou banqueiro ganancioso, os judeus, o pessoal que não quer trabalhar – ou, num contexto mais atual, os povos do sul da Europa, os PIGS, etc. Tal como Müller ironiza com a capacidade de tornar os pedintes invisíveis, também José

Mário Branco, no clímax de “FMI”, termina a certa altura com a recusa psicótica da realidade:

o FMI é só um pretexto vosso seus cabrões, o FMI não existe, o FMI nunca aterrou na Portela coisa nenhuma, o FMI é uma finta vossa para virem para aqui com esse paleio, rua, desandem daqui para fora, a culpa é vossa, a culpa é vossa, a culpa é vossa, a culpa é vossa, a culpa é vossa, a culpa é vossa, oh mãe, oh mãe, oh mãe, oh mãe, oh mãe, oh mãe, oh mãe...

Todos estes textos narram, de uma forma ou de outra, uma dor perante a complexidade do mundo, uma dor cujas consequências permanecem perigosas. Müller começa precisamente um poema com uma série de imprecizações estereotipadas contra os “males” trazidos ao mundo por uma série de judeus famosos:

Marx está morto ele quis mudar o mundo
O criminoso que Deus havia criado Abaixo
Com Freud que nos queria convencer
Que existe algo que nós não sabemos
Einstein o Judeu Ardã as suas cinzas
Construiu a bomba atômica Desde então
A nossa vida é relativa O Judeu
É a nossa infelicidade (Müller 1998: 273)

Este algo que existe e que não sabemos, este inconsciente ou não sabido coletivo, negado, reprimido, provocador de neuroses coletivas e replicado em poemas e numa canção onde imperam formas dissociativas de relacionamento com uma realidade política em acelerada mudança, é, nestes textos, o capitalismo enquanto fenómeno sistémico e abstrato. Não por acaso, “O Bloco de Mommsen” foi dedicado a Félix Guattari, autor, com Gilles Deleuze, de dois famosos livros com o mesmo subtítulo: *Capitalismo e Esquizofrenia*. Durante a década de 1990, Müller queixava-se de não ter sobre o que escrever peças: “A única coisa que para já acontece historicamente é o fluxo de capital. E isso é invisível” (Müller 2008: 580). Impossível de representar num palco, impossível talvez mesmo de representar por meios artísticos, o capitalismo como fenómeno sistémico só é abordado, nos textos que eu escolhi destes dois autores, por via de manifestações subjetivas de negação e desvio. O que estes textos nos oferecem é a representação de um obsceno coletivo, de vozes que confundem, simplificam, acusam,

insultam, gritam e, em geral, procuram pessoalizar aquilo que é irreduzível à pessoalização. Em vez do não sabido, do indizível real, ouvimos uma pleora de sintomas, expletivos compostos do que é indizível, mesmo inaceitável em democracia. Vemos, por isso, que há duas repressões que se associam aqui – o capitalismo sistémico irrepresentável, por um lado, e um sem número de discursos que deixaram de ser aceitáveis após uma transição democrática, por outro. A expressão explosiva do segundo, afinal muito mais fácil de des-reprimir, porque nunca verdadeiramente reprimido, substitui e compensa a primeira repressão, mais profunda. Gostava de terminar por citar aqui Carl Jung, que raras vezes é chamado a comentar estes assuntos, apesar de ter escrito textos interessantes sobre o fenómeno do nazismo. Em 1946, Jung alega que já em 1918 notara perturbações peculiares no inconsciente dos seus doentes alemães, perturbações estas que não podiam ser atribuídas apenas à sua psicologia individual (Jung 2002: 2). O surgimento de instintos de massas seria, ainda segundo Jung, sintomático de um movimento compensatório do inconsciente, confrontado com um momento histórico em que o indivíduo saberia que, independentemente da qualidade do seu trabalho, poderia, a qualquer momento, ser vitimado por mudanças económicas que estariam completamente fora do seu controlo (cf. *idem*: 6). Heiner Müller e José Mário Branco parecem dar voz a este sentimento de impotência perante uma força invisível. Como se terá, no entanto, tornado óbvio, esta sequência de datas, 1918, 1946, 1982, 1990 a 1995, tem implícita ainda uma última sequência, 2008 a 2012, e este breve ensaio termina no ponto onde se deveria iniciar uma pequena fenomenologia e sintomatologia das respostas poéticas e eventualmente artísticas à crise financeira atual.

Bibliografia

Branco, José Mário (1996), *Ser Soli(d/t)ário*, EMI - Valentim de Carvalho.

Deleuze, Gilles & Félix Guattari (2004), *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia 1*, trad. Joana Moraes Varela & Manuel Maria Carrilho, Lisboa, Assírio & Alvim.

Demandt, Alexander (2007), “Introduction”, in Mommsen, Theodor, *A History of Rome under the Emperors*, trad. Clare Krojzl, ed. alemã de Barbara e Alexander Demandt, ed. inglesa de Thomas Wiedemann, Londres/Nova Iorque, Routledge, 1-35.

Freud, Sigmund (2002), *Civilization and Its Discontents*, trad. David McLintock, Londres/Nova Iorque, Penguin.

Jung, Carl G. (1990), *The Undiscovered Self with Symbols and the Interpretation of Dreams*, trad. R. F. C. Hull, Princeton/Oxford, Princeton UP.

-- (2002), *Essays on Contemporary Events. 1936-1946*, trad. R. F. C. Hull, Londres/Nova Iorque, Routledge.

Müller, Heiner (1998), *Werke 1 – Die Gedichte*, ed. Frank Hörnigk, Frankfurt am Main, Suhrkamp.

-- (2008), *Werke 12 – Gespräche 3*, ed. Frank Hörnigk, Frankfurt am Main, Suhrkamp.

-- (2010), “O Bloco de Mommsen”, trad. João Barrento, *Telhados de Vidro* 14, 72-85.

NOTAS

¹ Este estudo foi realizado no quadro do Projecto Estratégico PEst-OE/ELT/UI4097/2011, domiciliado no CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) e financiado pela FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Este estudo faz ainda parte de um projeto de investigação pós-doutoral financiado pela FCT (SFRH/BPD/75848/2011) e centrado em formas contemporâneas de presentismo.

² Todas as traduções de Heiner Müller são minhas, exceto no caso de “O Bloco de Mommsen”, em que se usa a tradução, recentemente revista e republicada, de João Barrento.

³ Encontram-se disponíveis na Internet várias transcrições de “FMI”, embora haja frequentes omissões e discrepâncias entre as várias versões. Trata-se naturalmente de reconstruções a partir da gravação editada em 1982 e não substituem uma audição atenta da gravação. Tendo partido de uma destas transcrições, acessível em <http://fmi.com.sapo.pt/>, tentei corrigir erros e colmatar omissões, que normalmente eliminam certos marcadores de um discurso oral e performativo, como a repetição. Embora tenha tentado evitar alterar a pontuação, reconheço que, tratando-se de uma reconstrução a partir de um discurso oral, esta constituirá sempre um fator algo subjetivo.